

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

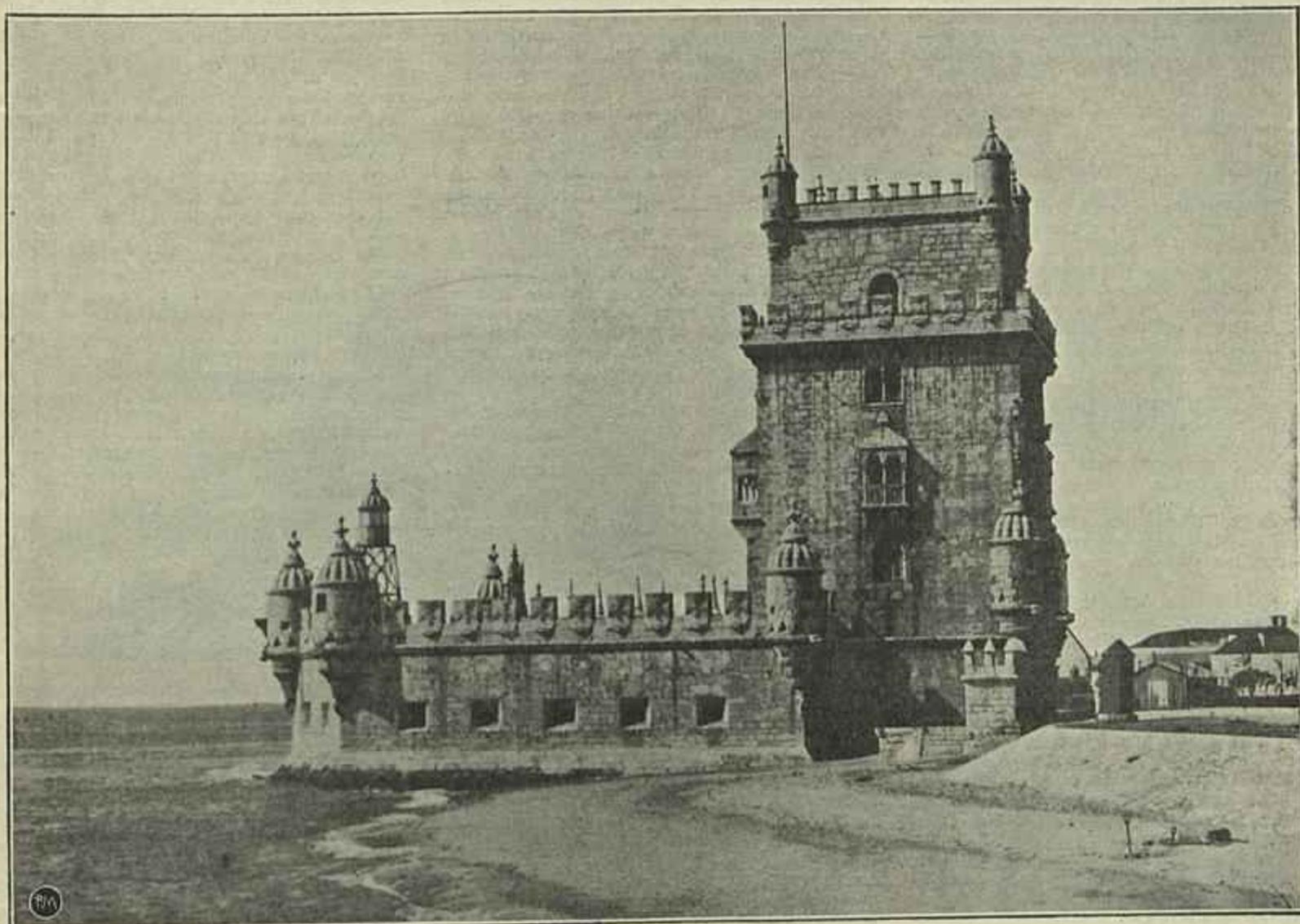
XXXV Volume

Redacção e Administração
T. do Convento de Jesus, 4—Lisboa

10 de Março de 1912

Composto e Impreso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 77—Lisboa

N.º 1195



A TORRE DE BELEM (Cliché A. Lima)

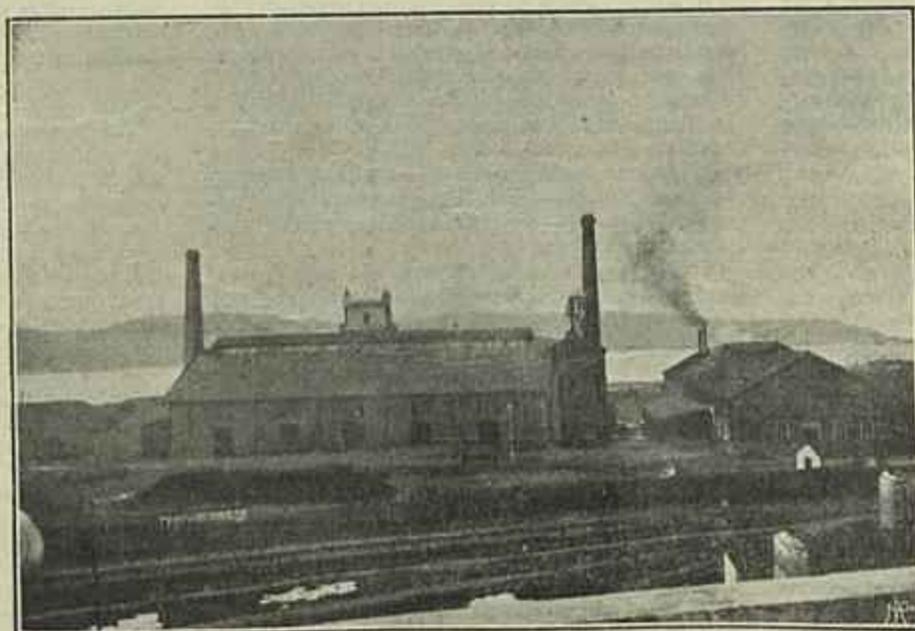
CRONICA OCCIDENTAL

A Torre de Belem está em fóco, como é moda dizer.

Que outro assunto pôde interessar a cronica desta revista, fóra de todas as trapalhadas politicas com que já ninguem se entende?

Por um desses fenomenos quasi inexplicaveis neste país de marmore e de granito, levanta se novamente uma questão em defesa da historia e da arte, coisa, emfim, que raras vezes terá preocupado os poderes constituidos, e tanto isto é verdade que essa despreocupação é que deu causa ao acto de vandalismo que se pretende remediar.

Sobre tudo de coisas de



AS OFICINAS DO GAZ ESTABELECIDAS NOS TERRENOS JUNTO Á TORRE DE BELEM

arte «não cura pretor» e dahi que surpresa o vêr acalentar no seio dos ediles da cidade de Ulisses o amor da arte, como no frontão dos seus Paços flure o amor da Patria.

O tempo vac de surpresas, e quando fórem desta natureza a Cronica só tem que applaudir, porque éla prefere curar destas pequenas coisas do que doutras, na apparencia maiores, mas que na realidade são bem mais pequenas pela triste miseria moral de que proveem.

Chegou o momento das reivindicções e que mais justa será, o desafrontar um monumento historico, onde a arte ha quatrocentos anos poz o melhor de seus brincados e lavores, que fez dessa época o seu periodo mais brilhante, que inda hoje não foi excedido e antes é modelo de beleza.

Foi uma afronta que se lhe

fez. Um esgarço que a porcaria indígena lhe arremçou, com toda a ignara indiferença que a distingue, e aquela móle de pedra rendilhada em primorosa filigrana, surgindo do Tejo, como por encanto, mirou no espelho das águas as faces mascaradas como as de um descarregador de carvão.

Ela sofreu o ultraje na sua nudez de pedra e, só teria a consolal-a as águas do Tejo, que ha quatro seculos a respeitam, quantas vezes levantadas em alterosas ondas beijando com a sua alva espuma as finas rendas que a envolvem, e lhe recordariam aqueles felizes tempos de que ella era testemunha, quando as aparelhadas caravélas, impavidas e orgulhosas, vira passar pela sua frente até perdê-las de vista para além, no vasto mar, levando sobre as ondas a alma portuguesa em busca de novos mundos.

Como era grande então essa alma em corpos vigorosos, intrepidos.

Depois, o Tejo, no seu constante marulho, iria ainda recordando-lhe quando ella fora testemunha da partida e do regresso desses intrepidos portugueses. Que dias de gloria e de alegria ella tinha presenciado ainda envolta nas fachas infantis.

Ao longo da praia do Restelo, vira ajuntar-se o povo ancioso, aguardando a chegada dos auxilios maritimos que haviam afrontado os tenebrosos mares, e orgulhosos voltavam da empresa trazendo ao mundo novos mundos que haviam devassado.

E o Tejo resfolgava mais vivo com estas recordações consoladoras, e a Torre, firme na sua altivez, sentir-se-hia grande de mais em presença da pequenez liliputiana dos nossos tempos.

Todo o mercantilismo da época não pôde defender o atentado, que só a cega voragem do tempo se arroga o direito de praticar. Este tem respeitado o moimento secular; mãos profanas não o podiam vir profanar. «Nem só de pão vive o homem.»

A municipalidade de Lisboa, como os antigos cavaleiros, sahio a campo em defesa da sua dama. Teve um gesto cavalheiresco gentil, que foi perder-se na rabulice de um tribunal onde ella tentou a acção contra os iconoclastas.

O negro fumo, o pó de carvão continuará a cobrir de luto aquele monumento nacional, tão nacional que um poeta e desenhador português o concebeu e deliniou, e mãos portuguesas o executaram?!

Não pôde ser, não deve ser, mais alto clama a consciencia publica, despertada do seu letargo pela voz dos ediles da cidade.

O utilitarismo não pôde ir até á offensa de direitos incontestaveis. Se houve uma Camara que irrefletidamente deu licença para se construírem officinas e gazometros junto ao primoroso e venerando monumento, que é o orgulho da historia e da arte nacional, respeitado e admirado por nacionaes e estrangeiros, assiste o direito a outra de retirar essa licença para a qual se não estabeleceu prazo determinado. O terreno é do municipio que o alugou, sujeito ás eventualidades de um contrato por titulo percario.

E' o que consta da acção intentada e que o juiz, por fim, deu o tribunal do commercio por incompetente para a julgar.

A acção proseguirá noutros tribanaes ou um acôrdo será feito entre as partes.

A Torre de Belem, que já não pôde ser hoje um baluarte de defeza militar, continuará a ser um monumento nacional, onde se devem guardar, em museu historico, tudo que se relacione com os descobrimentos maritimos dos navegadores portugueses, cantados por Camões nos imortaes *Lusadas*, outro monumento nacional, que vivirá para além dos tempos a eternisar a memoria deste povo.

«Nem só de pão vive o homem.»

CAETANO ALBERTO.



A Torre de Belem

Acompanhando as gravuras relativas á Torre de Belem, o belo monumento manuelino, que tão discutido tem sido ultimamente, transcrevemos com a devida venia um artigo de Ribeiro Christino que foi publicado na *Mocidade*, folha da Academia de Estudos Livres, em junho de 1911.

O artigo é a reprodução aproximada das palavras que Ribeiro Christino dirigiu aos sócios daquela prestimosa agremiação, na vizita efectuada sob sua direcção, no mesmo mez, á Torre

de Belem, e é uma afirmação de que não foi só agora, — como se afirmou no julgamento da pendencia ultimamente realisado, — que se tem chamado a atenção publica, para o estado de enegrecimento, que a proximidade da fabrica de Gaz, tem produzido a este tão historico, como artistico monumento nacional.

«Dizer algumas breves palavras ácerca d'este tão artistico e notavel monumento português que juntamente com o da Batalha, maior fama tem no estrangeiro — constitue um verdadeiro prazer. Concorre para ser tão conhecido, a sua excepcional exposição, isolada em o nosso amplo e formosissimo Tejo, onde a bela disposição das suas linhas geraes e motivos decorativos tem um extraordinario relevo.

Para o estrangeiro, que demande Lisboa entrando a barra, a elegantissima Torre de Belem, situada proxima á cidade de onde partiram nos fins da Edade Média os arrojados navegadores de Portugal, através do lendario Mar Tenebroso — *dando mundos novos ao mundo*, como se diz na *Portuguesa* —, representa um duplo padrão, rememorando com o seu estilo a época desses descobrimentos maritimos e a existencia, neste rincão da peninsula iberica, de um povo que desde ha muito tem um elevado culto da Arte.

Como ligeiras indicações historicas sobre a Torre de Belem, embora já muito repetidas, diremos que D. João II, o rei de Portugal que mais dedicação patriótica demonstrou ter pela nação, seguindo á risca a sua divisa *pola ley e pola grey*, foi quem se lembrou de dotar Lisboa com a formosa Torre, para defender a então já grande e heroica cidade de ataques dos corsarios. Foi seguindo esta ideia que notou existirem afastadas da praia do Restelo umas rochas, que emergiam na maré baixa (como ainda hoje se vêem) e serem excellentes para edificar sobre ellas essa defeza de Lisboa.

Seguindo esse rei a alta educação estetica dos principes da casa de Aviz e do meio social de então, que tudo hoje comprova ter sido cultissimo, desejou ligar o util ao agradável e assim encomendou a *Garcia de Rezende*, seu moço de escrevaninha e habil *debuxador*, como nesses tempos se chamava aos desenhistas, um projecto da torre que desejava construir, tarefa de que o notavel artista e escritor historico se desempenhou maravilhosamente. Esse projecto, representando o monumento em diversos aspetos, ainda hoje existe tendo sido reproduzido em obra, quasi na integra.

Não foi dado a D. João II ver completada essa edificação, assim como não viu o descobrimento da procurada India, cuja expedição tambem tão criteriosamente preparou: ambas foram realisadas pelo seu successor D. Manuel I, *rei afortunado*, principalmente pelos notabilissimos portugueses que nas armas, nas artes e nas letras, sob o seu reinado, floresceram.

Erigida a formosa torre, a que foi dado o nome de S. Vicente, ficava ella separada da terra, podendo passar pela retaguarda pequenas embarcações, como por um canal. Mais tarde, o açoramento das areias foi-o obstruindo, até que pela construção da bateria do Bom Sucesso em principios do seculo xix, de todo desapareceu essa passagem maritima.

Como succedeu com a Torre de S. Julião, que a Academia ainda ha pouco visitou prestando homenagem á memoria do illustre Freire de Andrade, tambem esta torre serviu á politica de varias épocas para logar de prisão de pessoas proeminentes, taes como do tempo de Filipe I a D. Pedro da Cunha, acerrimo partidario do pretendente Prior do Crato, e mais tarde ao Duque de Caminha, ao Marquez de Vila Real, ao Arcebispo de Braga — cumplices da conspiração contra D. João IV — e ainda a officiaes militares no reinado de D. José I.

Considerando agora a Torre, não pelo seu valor militar, actualmente pouco importante, servindo porém para as saudações festivas aos pavilhões dos navios de guerra estrangeiros, mas pelo seu belo aspéto estético, lado a que principalmente visou a visita da Academia, devemos notar que o estilo decorativo a que obedeceu foi ao da época da sua construção, isto é, ao manuelino, de que os Jeronimos e o Convento de Cristo são os mais notaveis exemplares entre nós.

Garcia de Rezende, que tivera na Italia convivencia com os grandes artistas, soube genialmente aliar á sobriedade arquitetónica, que distingue as construções militares, as características mais essenciaes do *manuelino*. Sabe-se que este estilo é uma transição entre o *ogival* ou *gotico* e a *renascença*, sendo de uma grande riqueza decorativa pela profusão até o excesso da

ornamentação naturalistica estilizada. Nota-se-lhe tambem, como o reconhecem autoridades, influencia de caracteres maritimos e do estilo *indiano*, como o comprova exactamente na decoração desta Torre o arquiteto alemão e doutor em arte Alberto Haupt na sua erudita monografia sobre a arquitetura portuguesa. Elle vê, com effeito, nas pequenas cupulas de gómos das guaritas de vigia da Torre de Belem reminiscencias das cupulas dos palacios indianos, como demonstra em desenhos comparados.

Figuram na Torre os simbolos heraldicos de D. Manuel, as esferas armilares e cruces da Ordem de Christo, estas n'uma feliz disposição em escudos recurvos nas ameias, isto além de outros motivos do estilo, taes como gargulas, calabres, cogulhos, laçarias, etc.

Ao tempo em que a Torre estava isolada da terra, a entrada fazia-se por um caes com degraus, que davam acesso á ponte levadiça e dali entrava se para a fortaleza por uma porta ornamental, aberta em parede de tres metros de espessura, como quasi todas as da Torre. A parte avançada, a explanada, que tão magestoso aspecto lhe dá com as suas ameias, guaritas e nicho da Senhora de Belem, fica superior á bateria abobadada, estando esta sustentada em fortes arquivoltas de arco perfeito e tendo ainda inferiormente escuras prisões em casas mattas.

Na Torre propriamente dita, alta construção quadrilátera, a que se sobe por perto de 100 degraus, existem varias salas, sendo a primeira a sala das guaritas, com a curiosidade de ter uma funda cisterna de agua doce. Na segunda sala, onde estiveram presos varios officiaes no seculo xviii, ha para o lado do Tejo uma linda varanda saliente com seis columnos e sete arcadas do rendilhado estilo, e nas outras faces mais tres balcões tambem ornamentaes.

A sala do terceiro plano tem cinco graciosas janelas com columnas contraes. Do lado do sul existe entre duas dessas janelas o escudo nacional, encimado pela corôa real da época, isto é, de florões e aberta, razão porque a heraldica dos nossos soberbos edificios historicos deve ser respeitada, tanto pela arte a que obedecem como por certificarem, com as suas fórmulas, que vieram evoluçionando através do tempo as varias épocas de construção do respectivo monumento.

Com grande effeito decorativo corre em torno e no alto da torre o *adarye* ou galeria exterior defendida por ameias ornamentadas com grandes escudos recurvos, com a cruz de Christo, tendo a notoriedade dos *machicolis*, ou aberturas no passadiço, para por ellas deitarem os defensores das fortalezas pés derretido e materias inflamaveis sobre os assaltantes.

Existe nesta altura a quarta e ultima sala da Torre, menos vasta que as inferiores, mas de rica arquitetura, com artesonamento apoiado em misulas, com carrancas e florões e tendo nos encontros e feicho rodellas com cruces, esferas armilares e escudo nacional.

No alto, termina a Torre em *airado* cercado de ameias terminadas em piramide e guaritas de vigia nos angulos, local de onde se disfruta um arrebatador panorama para todos os pontos cardeaes, do rio, cidade e campos.

Aprecia principalmente a bela Torre quem passa embarcado a alguma distancia, vendo-a em conjunto de perfil ou de frente; pois só então as suas esveltas proporções e linhas geraes elegantissimas, se vêem completamente, dando nos uma emoção estetica, que redobra quando a placidez do Tejo permite que ella se reflita nas tranquilas aguas.

Infelizmente, do lado do norte, a proximidade da fabrica do gaz, que ha muitos anos foi ali impropriamente estabelecida, tem enegrecido por completo as cantarias e os seus principaes lavores. Muitos protestos teem sido feitos por nacionaes e até estrangeiros e, embora se conseguisse que fôsem retirados para mais longe os gazometros, que formavam um pessimo fundo á Torre, as fabricações continuam e portanto segue o enegrecimento e estrago.

A Academia de Estudos Livres deve juntar a esses o seu pedido junto do Governo da Republica e da Camara Municipal, para que termine de vez um tal vandalismo e se proceda á limpeza da nossa linda Torre.

Justo motivo de orgulho para os portugueses, e lisboenses em especial, é o magnifico monumento. E agora, sob o regimen republicano, ou do governo do Povo pelo Povo, ainda muito mais devem ser estimados e queridos por todos os patriotas monumentos que, como este da Torre de Belem, são soberbo padrão da arte e gloria do venerando Portugal.

RIBEIRO CHRISTINO.

Viagem de circumnavegação do cruzador «S. Gabriel»

(Continuado do numero antecedente)

De Loanda a S. Thomé com escala pelo Ambriz e Cabinda

Loanda pouco progrediu durante os ultimos vinte annos. Encontrei algumas novas avenidas, um grande edificio para a camara de muito máu gosto e por acabar, a iluminação publica que era a gaz voltou a ser de petroleo, as ruas estão mal cuidadas e muitas casas tem aspecto de ruinas.

Os caminhos de ferro de Ambaca e Malange não trabalham de accordo, as tarifas são muito elevadas e por motivos que o governo melhor do que eu conhece, não tem trazido a esta cidade o esperado desenvolvimento.

Pouco depois de fundear vieram cumprimentar-me o commandante da canhoneira *Save*, pri-

methodo dos segmentos capazes a posição da boia e da canhoneira *Liberal* ali afundada, tendo a mastreação completa e fóra d'agua a partir da romã dos mastros. Por falta de pontos de referencia em terra não foi possível determinar com rigôr essas posições. Os angulos medidos foram:

Da boia — Farol e cubatas da magem direita do rio Loge, 60°.42'
Cubatas e ultimas arvores da Ponta Loze, 85°.49'

Esta boia não está na posição que a carta indica.

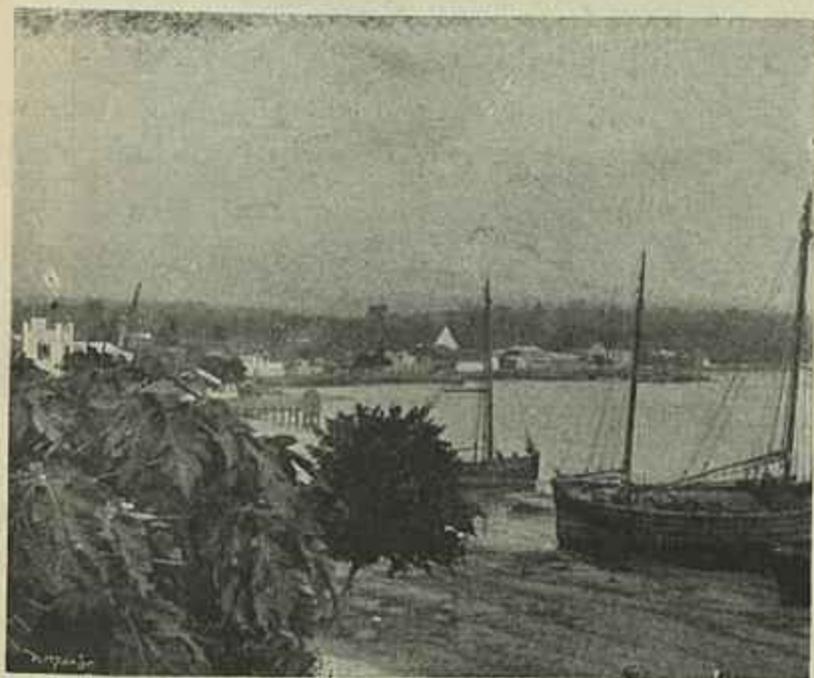
Da *Liberal*, mediram-se os mesmos angulos:

1.º = 81°.36' 2.º = 94°.3'

N'este ponto sondou-se em 37 pés.

Pelas 6,15 começámos a navegar em direcção a Cabinda. A's 9,35 p. m. estava pelo travez o farol do Ambrizete a 9' dando má luz. A's 6 horas da manhã do dia 9 passámos a Mouta Secca e entrámos nas aguas esverdeadas do rio Zaire; prumámos com o *ground log* para avaliar a ve-

Durante os vinte annos que não visitei este porto não progrediu correspondentemente ao grande acrescimo da riqueza agricola. Existe o mesmo pantano e as casas de madeira, sobre um terreno humido, continuam a ser insalubres e improprias para o clima. Não ha systema algum de esgotos e canalisações. Projecta-se a construcção d'um caes acostavel para fragatas e batelões, o que é muito necessario visto a morosidade com que actualmente se effectuam as descargas. O paquete «rapido» da costa oriental, *Lusitania*, que conosco esteve fundeado na bahia de Anna de Chaves, gastou mais de tres dias para descarregar a carga que para ali trazia. Port Elisabeth, na Africa do Sul, serve uma região muito menos rica e está situado n'uma costa onde ha temporaes; entretanto o serviço de cargas e descargas effectua-se ali com uma perfeição grande por meio de rebocadores e batelões a cargo da capitania. Poderia servir de exemplo para S. Thomé. Tambem poderiam servir de exemplo para as construcções n'esta linda e rica ilha aquellas que os Estados Unidos montaram em Panamá cujo clima é analogo



S. THOMÉ — UMA VISTA DA ILHA — PALACIO DO GOVERNO

meiro tenente Vital Gomes, commandante do deposito *Africa*, Pereira dos Santos, capitão do porto Moura Braz e alferes Gomes da Silva em nome do governador geral Manoel Maria Coelho. No dia seguinte retribui todas estas visitas e veio a bordo s. ex.º o governador. No dia 4 de março offereceram-nos um jantar na ilha de Loanda os nossos camaradas em serviço na Estação Naval e em terra. Concorreram a esta sympathica festa que muito nos penhorou uns 28 officiaes de marinha.

A 5 de março convidei para um almoço a bordo s. ex.º o governador, o chefe de gabinete, tenente Costa, dois ajudantes, os commandantes da *Save* e *Africa*, e os governadores do Congo, tenente José Cardozo e esposa. Na mesma noite realisou-se no palacio do governo um jantar offerecido por s. ex.º o governador aos officiaes do *S. Gabriel*. S. ex.º foi muito amavel para com os officiaes do cruzador, offerecendo-lhes a sua casa, as suas carruagens e todas as facilidades possiveis.

Nos dias 6 e 7 mettemos 253 toneladas de carvão Cardiff fornecidas pela The Loanda Coaling Lighterage Co.º Limited, que tem contracto com a Estação Naval, ao preço de 52 shillings e 6 pence por tonelada de 1:000 kilog. f. a. s. Mettel-o a bordo custou mais 500 réis por tonelada, e se não fosse o auxilio da guarnição a faina prolongar-se-hia por muito mais tempo. Com excepção de Acapulco foi o porto onde pagámos o carvão mais caro.

Tendo recebido auctorisação do Governo para continuar a viagem, largámos de Loanda para o Ambriz pelas 9,30 da manhã do dia 8 de março. Com bom tempo navegámos ao longo da costa, notando que a corrente nos encostava para a terra. A's 3,55 fundeámos no Ambriz em 7 braças de fundo, perto da barra. Veio apresentar-se o patrão mór e da parte do governador militar cumprimentou-nos um official. Seguiram para terra as malas do correio de que eramos portador. Foram dois officiaes n'um escaler determinar pelo

locidade da corrente do rio e ás 11 horas fundeámos no ancoradouro interior de Cabinda em 3,5 braças de fundo. Este fundeadouro é muito conveniente, por isso que com a viração podem os escaleres á vela ir ou vir de terra sem bordejar, grande vantagem para quem como nós tinha o escaler a vapor em reparação. Troquei visitas com o secretario do governo tenente Vieira de Mattos e no dia 10 fui esperar o governador que chegou ás 9,30 da manhã vindo do Zaire a bordo da *Massabi*. Realisou-se um almoço na Residencia para o qual foram convidados o commandante e officiaes do *S. Gabriel*. Pelas 4 horas da tarde, debaixo d'uma chuva que não viamos desde Zanzibar, largámos de Cabinda para S. Thomé. Continuámos com tempo quasi sempre encoberto e as calmas variaveis proprias da região.

Pelas 11 horas da manhã do dia 12 de março avistou-se a ilha de S. Thomé pela prôa. A's 0,35 p. m. cortámos pela sexta vez o equador, agora em 6° 58' de longitude leste de Greenwich, como de costume mais ou menos de sociedade com o sol, o que dá em resultado termos quatro verões seguidos, circumstancia pouco apreciavel para quem não gosta de calor. A's 3,50 da tarde fundeámos na bahia de Anna de Chaves, em 4 braças de fundo, perto do paquete *Lusitania* da Empresa Nacional, salvando em seguida á terra.

O carvão que mettemos em Loanda além de ser caro era muito máu, o peór de toda a viagem, creio que devido a ser antigo e ter perdido grande parte do seu poder calorifico. A 10' por hora consumimos 114 kilog. por milha o que corresponde a 18824 réis! Não podemos pois deixar de fazer escala pela Serra Leoa e mesmo assim foi prudente a maior economia.

De S. Thomé a Freetown (Serra Leoa) com escala pelo Principe

Vim encontrar em S. Thomé um melhoramento importante que é a canalisação d'agua para a cidade e um caminho de ferro em construcção.

Estavam em S. Thomé quando chegámos os paquetes *Lusitania* e *Cabo Verde* da Empresa Nacional e uma barca. Veiu a bordo o capitão do porto 1.º tenente Bruto da Costa. Retribui no dia seguinte esta visita e cumprimentei o governador da provincia, Miranda Guedes, que me mandou agradecer pelo seu chefe de estado maior capitão Martins de Lima. No dia 14 realisaram-se em nossa honra uma recepção na Associação Commercial, um jantar de dezoito talheres no palacio do governo onde concorreram todas as auctoridades e uma *marcha aux flambeaux* em que tomaram parte umas trinta praças do *S. Gabriel*. Pelas 5 horas da tarde do dia 15 teve lugar uma recepção na Camara Municipal, finda a qual todas as auctoridades, a partir de s. ex.º o governador, nos vieram acompanhar ao caes, o que muito nos penhorou. A's 6,30 suspendemos e com uma só caldeira começámos a navegar em direcção ao porto de Santo Antonio na ilha do Principe onde ancorámos no fundeadouro interior, em 4 braças, pelas 8 horas da manhã do dia 16.

Esta linda ilha tem, sem duvida, um dos mais bonitos portos naturaes que visitámos; atravessa actualmente uma crise assustadora devida á doença do sono. Importada a doença pelos serviaes vindos de Angola e importada a mosca tsetse (*glossina palpalis*) que a transmite de Fernando Pó, tem-se alaistrado d'um modo assustador, atacando pretos e brancos. N'algumas roças estão atacados d'esta horrivel doença metade dos serviaes, e o numero de mortos tem augmentado, excedendo por muito os nascimentos. Só medidas energicas evitarão o despovoamento d'esta ilha e a perda da riqueza agricola.

(Continúa.)

A. PINTO BASTO.
Capitão de fragata

Bom é calar até ser tempo de falar.



A TORRE DE BELEM — O NICHU DE NOSSA SENHORA DE BELEM, NA BATERIA DA ESPLANADA
A PORTA DA ENTRADA DA TORRE COM A PONTE LEVADIÇA

(Clichés A. Lima)



CASA DO SR. HENRIQUE DE MENDONÇA, NA RUA MARQUÊS DE FRONTEIRA, DELINEADA PELO ARQUITETO SR. VENTURA TERRA
E A QUE FOI CONFERIDO O PREMIO VALMOR

Industria Nacional

A Empresa Industrial Portuguesa

Das manifestações da industria nacional, poucas tem afirmado maior progresso como a indus-

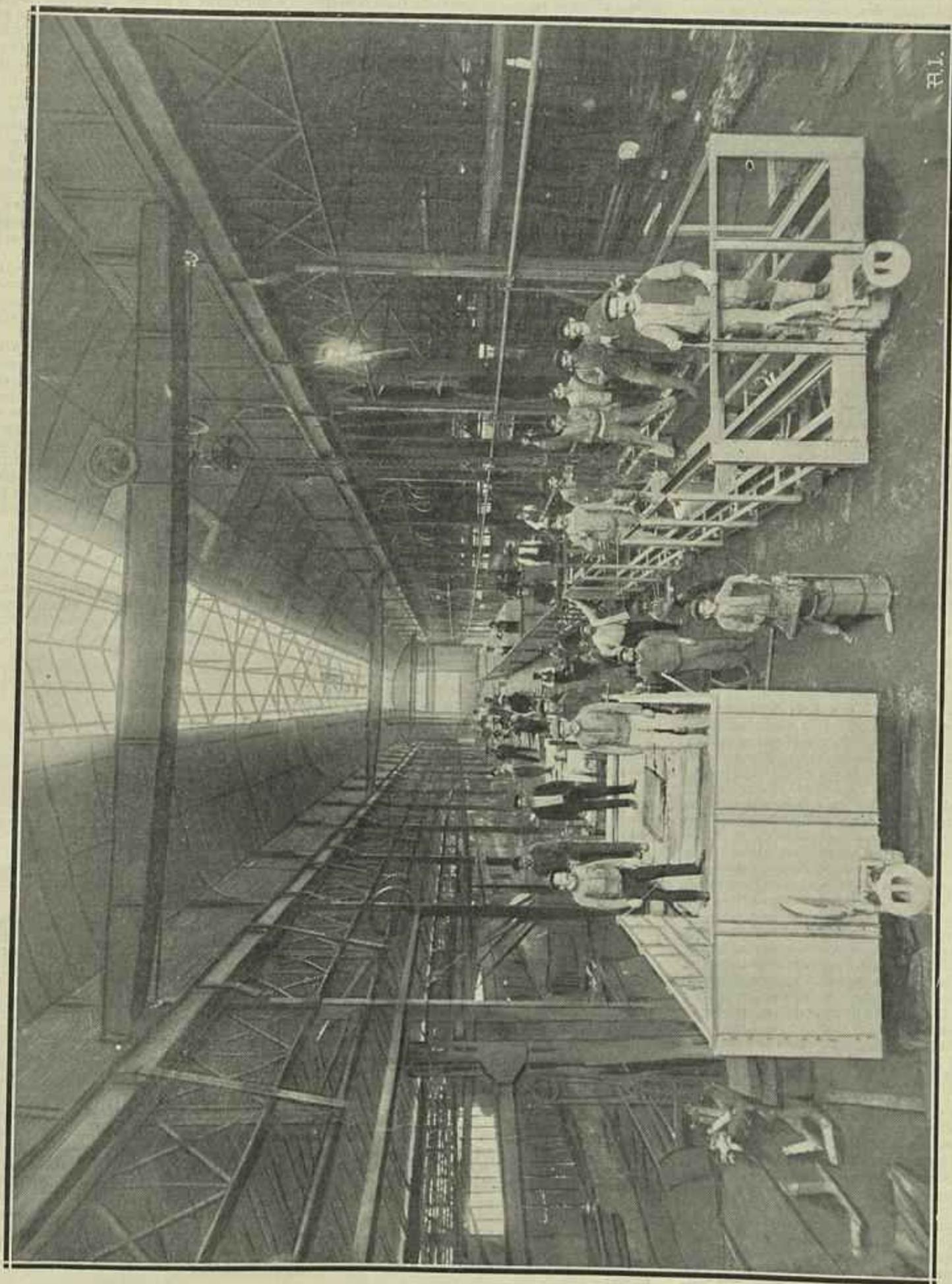
cas, canalisações, ascensores, monta cargas eléctricos, etc. De tudo isto ali se produz, em vantajosa concorrência com a importação de produtos similares estrangeiros.

Sem nos alongar-mos por hoje em considerações sobre todas as oficinas que visitámos da Empresa Industrial Portuguesa, limitaremos esta noticia ás oficinas de construções metálicas, re-

lho naquelle limitado tempo; mas ainda ha mais. A Empresa Industrial Portuguesa tomou esta encomenda em competencia de perfeição e de preço com a industria estrangeira.

E' esta a questão capital a apreciar, a que rebate a lenda estabelecida entre nós de que a nossa industria não póde competir com a estrangeira!

Industria Nacional



EMPRESA INDUSTRIAL PORTUGUESA

CORPO CENTRAL DAS OFFICINAS DE CONSTRUÇÕES METALICAS

tria metalurgica, e para provar o asserto basta fazer uma visita ás grandes oficinas da Empresa Industrial Portuguesa, e vêr o que nellas se produz, em obras de metalurgia abrangendo os diferentes ramos desta industria, desde as fundições do aço, do ferro, do bronze, do aluminio e outros metaes, até á fabricaço de maquinas, ferramentas, em que se compreende toda a alfaia agricola, construções de pontes e outras estruturas metali-

presentadas na gravura que publicamos, e em que ultimamente fóram construidos 100 vagoes de mercadorias para o Caminho de Ferro de Lourenço Marques, no relativo curto espaço de seis mezes.

Apreciando este facto vê-se que só uma grande fabrica dispondo de consideravel material e de pessoal numerozo competentemente habilitado, podia produzir uma tão grande massa de traba-

De facto assim será em muitas industrias e em dadas circumstancias; mas na industria metalurgica ela já vence em muitos ramos a industria similar estrangeira, como fica provado.

Tudo depende do necessario capital a estabelecer a industria com o desenvolvimento preciso para uma grande produção, com uma administração cuidadosa e uma orientação inteligente.

São estes os elementos que tem actuado na

Empresa Industrial Portuguesa, para o seu grande incremento.

Que a industria nacional, em muitos de seus ramos, se encontra em circunstancias de competencia com a estrangeira é um facto; resta, porém, para seu maior incremento, que os poderes publicos olhem com atenção o assunto, e por todos os meios façam com que só se importe o que não se pôde produzir no país, pois só assim se conseguirá melhoria das nossas condições economicas e financeiras, quer pelo desenvolvimento do trabalho nacional, quer pelo limite de sahida de capital para fóra do país.

Que a industria metalurgica é a que mais se impõe, é fóra de duvida. A Empresa Industrial Portuguesa, prova o bem com as suas oficinas, que já ocupam uma area de 35:000 metros quadrados, dando, normalmente, trabalho a 550 operarios, representando produção importante, como, por exemplo, a dos 100 vagons a que nos referimos no principio destas linhas, sabendo-se ainda que estas oficinas pôdem produzir tresentos ou mais vagons por ano de material circulante de caminhos de ferro.



A casa do sr. Henrique de Mendonça delineada pelo arquiteto sr. Ventura Terra

No ponto mais elevado da rua Marquês de Fronteira, uma dessas ruas novas, a que se abre ao norte do projectado Parque Eduardo VII, foi ultimamente construida a casa a que se refere o titulo, e que é uma das mais belas que hoje possui a nova Lisboa.

O sr. Henrique de Mendonça, um dos mais distintos africanistas, tanto por sua illustração, como pelas qualidades de seu caracter, confiando o delineamento dessa casa ao sr. Ventura Terra, deu ensejo a este notavel arquiteto, para exhibir mais um dos seus belos trabalhos, que todos tem podido admirar nesta cidade, como em outros pontos do país que tem requerido o seu inteligente concurso.

Esta casa, a que foi conferido o premio Valmor, é não só modelar pela severidade ao mesmo tempo elegante das suas linhas exteriores, como interiormente éla ostenta a par do bom gosto e conforto a riqueza, como principalmente, se vê na Hall, nas salas Luís XV e Luís XVI e nas de mesa e de almôço, na bibliotheca e outras dependencias e até á cosinha, com a qual muitos se honrariam nossos avós se no seu tempo dispuzessem dos recursos que a ciencia e a industria hoje oferecem.

Uma boa parte das madeiras empregadas nesta construção, mandou o sr. Henrique de Mendonça vir das suas vastas propriedades de S. Tomé, o que é para notar, como bom exemplo que deu, do aproveitamento de madeiras das nossas colonias, onde as ha magnificas, sem ser preciso importal-as pela via inglesa que de resto as vae buscar a esses países.

Essas madeiras empregaram se em tétos, em lambris, estantes e outros moveis, trabalhadas por distintos profissionaes. A ceramica nacional tambem ali colaborou largamente, com magnificos azulejos decorativos em que se conta um belo friso por Bordalo Pinheiro, ultima produção daquele grande artista.

A casa, edificada num alto, como se disse, permite o goso de lindos panoramas que Lisboa oferece aos olhos. Disposta no meio de um grande parque com jardins, é uma vivenda encantadora, dominando o futuro Parque Eduardo VII, que virá a ser o mais lindo ponto de Lisboa, embelesado pelas artisticas edificações que ali se projectam no que anda altamente empenhado o sr. Ventura Terra, como vereador do municipio e grande pugnador por todos os embelesamentos da capital.

Os monumentaes portões que dão entrada para o parque do sr. Henrique de Mendonça são uns belos exemplares da industria metalurgica nacional, em que os nossos ferreiros, sempre mostraram grande aptidão, como o atestam tantas e tantas obras antigas, em ferro forjado, que se encontram por esse país.

Dizendo que a casa do sr. Henrique de Mendonça é modelar, escrevemos com propriedade, porque éla reúne, na sua especie, todos os prediados de uma obra de arte.



O pouco que sabemos nos annuncia o muito que ignoramos.

A China de hoje

A Republica

(Concluido do numero antecedente)

Quando, em outubro de 1860, francezes e inglezes, aliados, tendo por general o francez Montanban, se apoderaram de Yuen-ming-yuen, local do palacio de verão do imperador da China, o citado general referindo-se a essa residencia, exprimiu-se assim:

«Seria impossivel vescrever a magnificencia dos muitos edificios que se encontram em uma extensão de quatro leguas, e que formam todos juntos o que se intitula palacio de verão do imperador: é uma successão de pagodes que contem deuses de ouro, de prata ou de bronze de dimensões gigantescas. Um deus de bronze, um Buddha, tem setenta pés de altura, e tudo o mais é nas mesmas proporções; jardins, lagos e objectos curiosos amontoados desde seculos em edificios de marmore branco, cobertos de telhas resplandecentes envernizadas de todas as côres; pontos de vista admiraveis...» (Transcripção, na *Historia Universal* por Cesar Cantu, continuada por D. Nemesio Fernandes Fuesta e traduzida da edição franceza de 1867 por Manuel Bernardes Brancos, 2.ª edição, volume 13, Lisboa 1879).

Quero, a proposito da China, facultar aos leitores, n'esta altura, um interessante paragrapho do capitulo 2.º, de *Elementos de Historia da Arte*, volume 2.º, obra recommendavel por mais de um titulo, com que o estudioso, erudito e modesto professor Ribeiro Christino enriqueceu a litteratura nacional:

«A grande muralha e a Torre de porcellana — Duas importantes construçções fizeram os Chinezes, que despertaram a atenção dos povos: uma de caracter guerreiro, outra religiosa: a fim de evitar as invasões tartaras, um dos imperadores da dynastia Thsin, chamado Thsin-Chi-Hoang-Fi, fez construir, dois seculos e meio antes da nossa era, por altos de serras e de montes, e por fundos de valles, uma alta muralha de 3:000 kilometros de extensão, tendo toda ella sempre largura sufficiente para seis cavalleiros a par a poderem percorrer; era flanqueada a espaços por torres, que defendiam as numerosas portas; grande obra esta que ainda hoje dura, militarmente considera-se inutil, pois as invasões não deixaram de ter logar, como a dos mandchus, de que a actual dynastia descende.

Elevaram os Chins em varias cidades altas torres, ainda antes da era christã, para rememorar a adopção do Foismo ou a religião de Buddha; devido a esse facto foi celebre durante seculos a torre de Nankin, tendo perto de cem metros de altura, construida no principio do seculo xv sobre ruinas de uma outra que já existia anteriormente; tinha a fórma octogonal, era dividida em nove andares, diminuindo progressivamente e separados por telhados revirados nos angulos.

No alto, como um mastro, sahia uma haste metalica, em torno da qual se desenvolvia uma espiral de ferro, terminando tudo n'uma grande esfera doirada emblema chinês do ceu; de cima desciam oito cadeias de ferro, contornando a sahencia dos telhados e supportando setenta e dois sinos de bronze, fóra muitas dezenas de campainhas e lanternas suspensas.

Todas as superficies internas e externas eram revestidas de placas de porcellana esmaltada e decorada, com ornatos, e d'ahi o nome de Torre de Porcellana que a celebrou. Durante a grande revolta dos Tai-ping, no principio do seculo xix, foi a torre arrasada, e hoje só é conhecida por estampas, que os bonzos distribuem nas solemnidades buddhistas.»

Acho significativas e profundas, estas palavras do proprio Cesar Cantu (*Os Ultimos trinta annos — 1848 a 1878 — versão pelo Viscode de Castilho*):

«E' a miseria uma doença geral na China. Em Pekim ha para mais de 70:000 mendigos, agremiados em corporações. Acampados até mesmo em volta do paço imperial, arrancam aos transeuntes, e principalmente aos negociantes, a esmola, em pleno dia, a poder de importunas insistencias, e não raro a poder de ameaças. A' noite, uma duzia de albergues mesquinhos acoitados centos de mendigos, offerecendo-lhes apenas um

grabato de palha solta, e ás vezes um pouco de carvão e arroz; aos velhos, um traje, se é de inverno e um leque se é de verão. O thesouro publico, como anda mal administrado, nada mais pôde do que isso; a caridade particular é escassa, por haver poucos ricos, e por serem vicios nacionaes o egoismo e a avareza.»

Na China, por todos os testemunhos autenticos e por todas as provas categoricas, uma classe, a do poder, insolente e hypocrita, como em toda a parte, explorou com desassombro perfeito até o dia em que os cerebros das multidões começavam a abrir-se á luz pura da verdade incontestavel.

As cangas hão de fatalmente assentar no peçoço das poucas duzias de verdadeiros tubarões, quantas vezes individualmente cobardissimos, que nada valeriam sem os braços dedicados, valentes, nobres na mais genuina accepção do termo, que, sem má fé, ajudam a definir situações, a accentual-as, a consoldal-as!

Entretanto, nos relógios das idades, marca-se o horario de justicas, e ao registo da Historia são legados os documentos oportunos para lição da posteridade.

Urge que os povos assumam o integral de moralidade que lhes compete, e que atinjam o ponderado papel de directos administradores conscientes da quota com que a Natureza os brindou.

Não é licito que se arvorem em cada paiz, mandões sem caracter ou typos de problematica psychologia, com legisladores e reformadores.

Mandarins de toda a laia, com corôa e barrete frigio, teem sido a praga, a villania crapulosa, a escoria e as fezes pestilenciaes que explicam nações armadas até aos dentes, processos jesuiticos em toda a linha, multidões encravadas no antro infecto e no abysmo real de lerda ignorancia, mantida e alimentada em toda a parte pelos poderes publicos, sempre hypocritas, sempre algo acanhados, quasi sempre mendigos.

Oxalá a China comprehenda a valer a necessidade absoluta que lhe assiste de dispensar impetantes e mandarins, e de acudir ao seu equilibrio economico não por pessoas, ridiculas, caricatas, balofamente vaidosas, espêlhos manifestos de incorrecção e até de mal criação, mas por principios, por porte austero, por verdade inconcussa, por dignidade leal!

D. FRANCISCO DE NORONHA.



Cronicas Lyricas

Teatro de S. Carlos

Opera *Rigoletto* — De pedida da Mazzoleni com a opera *Aida* — Reapparecimento da sr.ª Lucia Crestani nos *Huguenottes* — Prepara-se o *Tristão e Isolda* — Despedida do tenor Zinowiew.

A linda opera de Verdi o *Rigoletto* precisava de mais ensaios para que tivesse um desempenho mais harmonico, todavia mister é distinguir o sr. Ancona e tenor Del Ry que fóram applaudidos.

A despedida da sr.ª Mazzoleni que na *Gioconda* se revelou uma grande artista, fez as suas despedidas com a opera *Aida*. A critica em geral foi a melhor possivel com respeito ao seu trabalho na opera de Verdi, porém nós somos de opinião contraria. A sr.ª Mazzoleni deu-nos a personagem cheia de *trucs* para o publico, procurou efeitos dramaticos para salvar a deficiencia das notas medias e graves, nem parecendo a mesma cantora da *Gioconda*! Todavia houve momentos em que desenhou bem a personagem, mas trabalho completo não foi! E' esta a critica justa, segundo a nossa maneira de ver. No theatro foi distribuida uma poesia de Madame Lacombe, em homenagem a Mazzoleni. O theatro estava quasi vazio.

Bem avisada andou a empreza em fazer *reprise* dos *Huguenottes*. Mais uma vez ouvimos essa notavel cantora Lucia Crestani, que desde o começo da epoca nos tem maravilhado com o seu orgão vocal, cuja voz maleavel e bem timbrada traduz d'uma fórma admiravel os cambiantes da paixão humana, ou seja nas operas mais dramaticas, ou n'aquellas em que a doçura da

phrase traduz as vibrações da sua alma de artista.

Bastará recordarmo-nos da *Aida* em que a phrase *ritorna vincitor*, todo o 3.º acto, e dueto final, Crestani causou enthusiasmo em todo o publico, a celebre *Nenia* de *Mefistofeles* e nos *Huguenottes* em que o amor é traduzido pela illustre cantora d'uma fórma sublime!

Foi recebida pelo publico com o maior grau de apreço e estima.

Ainda esta semana se canta a opera de Riccardo Wagner *Tristão e Isolda*, com os artistas Gagliardi, Hotkowska, Viñas, Chalis e Rossato.

No proximo numero daremos noticia d'esta recita que está sendo esperada com anciedade, pena é que venha tão tarde.

A despedida do tenor Zinowieff realisou-se esta semana. Foi um artista que sempre revelou boa voz e tanto na *Aida* como nos *Huguenottes* alcançou applausos.

Zinowieff partiu para a Russia onde cantará no theatro de Kieff em recitas extraordinarias.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

Naufragio da canhoneira «Faro»

Quando no seculo xv caravelas transpunham «mares nunca dantes navegados», o proprio mar quietava-se, como que em homenagem á grandesa do heroico Portugal, e as caravelas singravam triumfantes.

Cinco seculos passados, n'um periodo historico, de decadencia moral, de descreritoso desprezido, essa malfadada marinha despedaça-se. O mar desrespeita-a e esquece o passado, e perecem nossos irmãos, marinheiros valentes, como Augusto Henrique Metzner.

Metzner tinha quarenta e quatro anos e as medalhas de prata de valôr militar por serviços, e campanhas, ultramarinas. Era cavalleiro de Torre e Espada e de Avis.

Exercera o cargo de comandante das canhoneiras *Lagos* e *Faro*, transporte *Salvador Correia* e lancha canhoneira *Bacamate*; ajudante do director dos serviços maritimos do arsenal da marinha; capitão do porto de Lagos; vogal dos conselhos de guerra de marinha e intendente do Chinde, e serviu nas estações navaes de Angola e Moçambique e como official de guarnição, entre muitos navios, a bordo do cruzador *Adamastor* quando este navio foi ao Brasil sob o commando do actual vice-almirante sr. Ferreira do Amaral. Fez as campanhas da Guiné em 1891 e de Moçambique em 1894 e 1895 e da India em 1895.



PRIMEIRO TENENTE
AUGUSTO HENRIQUE METZNER

Este era o comandante da *Faro*, a canhoneira que tinha por immediato Carlos Primo Guimarães Marques, moço de trinta primaveras

Durante quatro anos comandou a lancha-canhoneira *Cacheu*, na Guiné, onde em 1907, demonstrou ser desta raça de briosos navegadores

e guerreiros. Bloqueado por inimigos, no rio Cacheu, que tinham atravessado no rio fios de arame para aprisionarem as canhoneiras, a sua prespicacia, concedeu-lhe a medalha de prata.

Pois Matzner, Guimarães e oito pobres marinheiros acabam de morrer no seu posto, heroicamente, valentemente, não em luta com o gentio, mas com o mar, esse mar cantado por Richepin, esse mar que outr'ora de grandesa nos respeitava, e nesta hora de lúta, nos enfraquece.



SEGUNDO TENENTE
CARLOS PRIMO GUIMARÃES MARQUES

Da catastrophe dizia o capitão do porto de Portimão ao ministro da marinha:

«Canhoneira *Faro* veio ontem aqui buscar o ministro inglês e comitiva para digressão a Sagres, sahindo daqui acompanhados pelo consul inglês nesta terra e o capitão do porto.

A canhoneira foi até Sagres, fundeu e desembarcou-se, voltando todos para bordo e largando pelas cinco horas para Lagos, onde desembarcaram todos os que não pertenciam á guarnição do navio. Em seguida a *Faro* seguiu para Faro, mas quando passava pelo través de Alvor, cerca das sete horas da tarde, abalroou com o vapor *Josefine*, da praça de Lagos, que havia sahido de Portimão tempo antes. Como o *Josefine* fosse de prôa contra a amura de bombordo da *Faro*, fez-lhe um rombo por onde entrou agua em quantidade, não dando mais tempo do que para arriar as duas embarcações, onde a guarnição veio para terra, vindo também o comandante Henrique Matzner, mas este, devido a congestão, faleceu ao chegar a terra.

Reconheceu-se faltarem o immediato Guimarães Marques, maquinista contratado Francisco Maria Antunes, primeiro contramestre Higinio Tomás Antonio e grumete José de Roma, dos quaes não ha noticias.

Logo que tive conhecimento do desastre, segui para Alvor, mandando outra vez ao mar uma das duas baleeiras que tinham trazido a guarnição, afim de verificar se não haveria mais algum naufrago.

A baleeira dirigiu-se a uma luz que reconheceu ser do *Josefine*, o qual já estava a reboque do vapor *Colombo*, que tinha um rombo á prôa, mas fluctuava, devido ao compartimento estante.

O *Josefine* tinha dois homens mortos a bombordo, com queimaduras, e já ali se encontravam o dono do vapor e o capitão do porto. Como a baleeira nada mais visse, retrocedeu, trazendo-se então o cadáver do comandante para aqui, de onde seguirá para Faro amanha, no comboio das quinze horas e trinta minutos.

O ministro inglês manifesta desejos de assistir ao funeral em Faro.

Nada falta aos naufragos, que no mesmo comboio vão seguir também para Faro, onde teem familias.

A canhoneira fluctuou apenas dez minutos depois do rombo, submergindo-se e ficando apenas com metade dos mastarões fóra de agua.

A catástrofe foi a meia milha da terra e com uma profundidade de nove braças.»

Assim ocorreu o naufrago, assim se perdeu essa canhoneira construida em Londres, com destino á esquadilha fiscal da costa, em 1878, custando seis mil libras. Deslocava cento e trinta e seis toneladas. Construida de ferro, tendo de

comprimento entre perpendiculares vinte e sete metros, bôca extrema quatro metros e setenta centímetros, immersão á prôa dois metros e treze centímetros e á pôpa dois metros e quarenta e tres centímetros, força de duzentos cavalos, uma hélice e andamento de 10,40 milhas. O seu artilhamento constava de uma peça Canet, de setenta e cinco milímetros e dezesseis de calibre. A guarnição era constituída por dois officiaes e vinte oito praças do corpo de marinheiros. Em 1883 passou para o ministério da marinha por haverem passado para ali os serviços de fiscalisação nas costas portuguesas.

Tal era o barco perdido, nesta hora em que o paiz menos os pôde adquirir.

PELOS TEATROS

Trindade

Em scena um bandoleiro gentil-homem, á moda antiga, praticando proezas de hábil salteador nas montanhas da Grécia e possuindo um coração a que não são estranhas a afeição e a ternura.

Tal é Hadji-Stravos, o *Rei das Montanhas*, uma ópera cómica de Victor Léon, para a qual Franz Lehar escreveu uma música assaz harmoniosa, mesmo muito complicada, cheia de inspirados motivos e delicados ritmos.

Interessante na sua contextura, a acção da peça, admiravelmente descrita na música, mais interessante se torna no terceiro acto, onde o desenlace, embora previsto de antemão, está tratado com esmero.

O primeiro acto é de simples apresentação dos personagens. O segundo passa-se nas montanhas e é bastante extenso, sendo também onde se encontram os melhores bocados de música. O terceiro no interior de uma corveta americana.

Deixando por agora a vida estroina de Paris, do *Maxim's* e do *Bristol*, que na quasi totalidade das operetas alemãs ou viennesas encontramos, transplantados para os nossos palcos, com um brilho de scenário e de comparsas que muito deixa a desejar, vamos encontrar Sofia, filha do principe de Parnes ou de Hadji-Stravos, o que é a mesma coisa, recebendo em sua casa um official de marinha americana que tinha conhecido em Paris onde havia sido educada e que por ela estava apaixonado.

Falando-se das façanhas do célebre bandido que Sofia ignorava ser seu pai e depois de uma troca de palavras com o chefe da policia de Atenas, Harris, o official americano aposta que dêle se ha de apoderar. Stravos sabendo do que se machinava contra êle escreve á filha dizendo-lhe que consentiria no seu casamento com Harris quando êle conseguisse apoderar-se do salteador.

Percorrendo as montanhas, Harris e Sofia ficaram prisioneiros dos salteadores assim como uma ingleza e sua filha Mary que se apaixonou por Stravos.

Este sabendo quem eram os seus prisioneiros mandou que os deixassem em liberdade.

Harris usando de um estratagem, que consistiu em enviar uma carta a Stravos em que lhe dizia ter aprisionado sua filha que, segundo constava êle muito queria, mas que ninguem suspeitava ser Sofia assim como ninguem sabia que o principe era Hadji, fez com que êle se apresentasse a bordo onde se entregou á prisão de *motu proprio*.

Momentos depois fazia-se anunciar como principe de Parnes e então grande foi o espanto de Harris e não menor o de Mary ao reconhecerem no principe o salteador das montanhas que nesse momento deu o consentimento necessário para o casamento de sua filha.

O desempenho regular sendo o papel de Stravos feito por Leitão que se apresenta muito bem em scena.

Ferrari tem o papel de Harris que não representa bem e declama pior naquella sua pronuncia estrangeira que bastante custa a suportar no palco de um teatro da capital.

Palmira Bastos, Medina e Gomes muito bem.

A. N.

As unicas verdadeiras riquêsas são: o *trabalho*, que dá o necessario, e a *filosofia*, que ensina a evitar o superfluo.

Monumento comemorativo da estada de D. Pedro IV em Angra do Heroísmo.

Ha cerca de sessenta anos foi levantado, na ilha Terceira, num dos seus montes mais altos, denominado Castelo dos Moinhos, nas cercanias da cidade de Angra do Heroísmo, um obelisco, comemorando a estada naquela ilha, do rei soldado, que por alguns mezes ali residiu, no palacio do governo, onde tambem funcionava a regencia presidida pelo velho duque de Palmela.

A ideia deste singelo monumento parece ter sido de José Silvestre Ribeiro, quando ali esteve por alguns anos desempenhando as funções de chefe do districto, assim como a escolha do local, que, pela sua elevação, permite ser visto de todos os pontos da ilha e, portanto, que o monumento bem alto recorde a gloriosa parte que a cidade de Angra tomou na proclamação do regimen liberal, tão gloriosa, que o governo então lhe conferiu o titulo de Heroísmo a acrescentar ao nome de Angra.

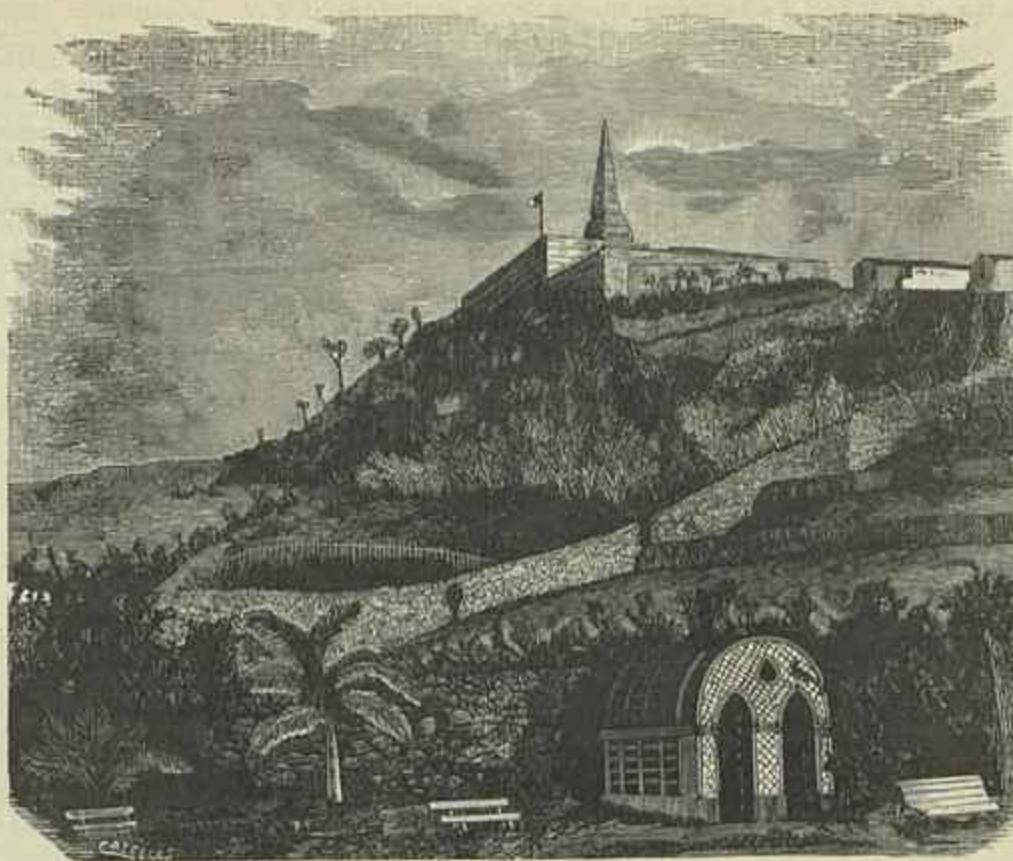
Foi esse monumento comemorativo que, na noite de 6 de fevereiro, findo, pairando sobre a ilha uma grande trovoadá, um raio destruiu em parte, fendendo-o, abrindo-lhe um formidável rombo, como o representa a gravura, reproduzida de uma fotografia enviada pelo professor da Escola Industrial Madeira Pinto, sr. Ciriaco Tavares da Silva, ao nosso bom amigo e distinto colaborador desta revista, o professor sr. Ribeiro Cristino, que obsequiosamente nol-a facilitou.

Reparar-se á o damno produsido neste monumento, tão singelo quanto historico, para que não se acabe de derruir?...

PUBLICAÇÕES

O Povo Francês, por Cunha e Costa. — Conferencia realisada no teatro da Republica, na noite de 12 de dezembro de 1911. — Livraria Correia Pinto, editora, Lisboa, 1912. — Folheto de 30 paginas com um retrato do autor.

O sr. dr. Cunha e Costa tratando de *O Povo francês e o povo portuguez* concorda com a opinião de Eça de Queiroz que classifica a



MONUMENTO COMEMORATIVO DA ESTADA DE D. PEDRO IV, EM ANGRA DO HEROISMO



RUINA PRODUZIDA NO MONUMENTO, POR UM RAI0, NA NOITE DE 6 DE FEVEREIRO, FINDO

França de país inteligente, enquanto Portugal é um país de imaginação. Que somos um povo semi-civilizado.

E' certo, como é justa a sua observação da sociedade portuguesa no decorrer da conferencia apreciando *A nossa imitação da politica francesa*, *A separação da Igreja do Estado*, *O livre pensamento e o pensamento livre*, *A coação do poder judiciario e os julgamentos das Trinas*, *Como devemos imitar a França* e *A graça da mulher portuguesa*, em que o conferente tem periodos como o seguinte, extremamente gratos ás lisboetas:

«Apenas o tipo feminino se adelgaça, afina e singularmente espiritualisa. O tipo da lisboeta, por exemplo, não é, com certeza, o que era ha vinte anos. E' melhor e é outra. E' menos gorda sem ser magra, é mais alta e gracil, com uma notavel harmonia de proporções entre o busto e o resto, sem prejuizo da maternidade. Torna-se flexivel, ondeante, envolvente e pisa

leve sem salpicar de lama as botinas ou a fimbria da saia. Ha em Lisboa tres ou quatro duzias de mulheres com luz propria e irradiante. Além das que estão nesta sala... que são todas! Surgem belezas extranhas, bizarras: morenas de cabelos louros, louras de olhos negros. E já sabem entreter uma conversação sem tediosas pretensões feministas. O que ellas poderiam fazer, se quizessem, em prol desta, por ora, bem desequilibrada democracia!»

Revista de Quimica Pura e Aplicada, n.º 83 e 84, novembro e dezembro de 1911. — E' a revista scientifica mais importante que se publica no país, fundada no Porto, ha 7 annos, pelos notaveis professores srs. A. J. Ferreira da Silva e Alberto de Aguiar.

Nas paginas destes numeros são tratados varios pontos de quimica geral, sanitaria, tecnica e hidrologica. Publica o retrato do falecido dr. Carlos Remigios Fresenius, eminente quimico alemão, do qual faz o elogio o dr. Ferreira da Silva. Publica tambem o retrato e notas biograficas do professor espanhol Fages & Virgili, ha pouco falecido.

A *Revista de Quimica Pura e Aplicada*, passa a ser agora órgão da Sociedade Quimica Portuguesa, o que mais vae aumentar o seu interesse, facilitando ás pessoas que se inscreverem na dita sociedade, o receberem equela revista. Para esse fim basta enviarem o seu nome e residencia ao sr. dr. Hugo Mastbaum, rua dos Luziadas, 141, Lisboa.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca



Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE—CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Onde todos devem comprar SAPATARIA PORTUGAL

DE A. Almeida e Costa

Rua dos Poiaes de S. Bento, 27 a 27-A — LISBOA

CONTRA
A TOSSE

JARROPE PEITORAL
JAMES

Unico especifico contra tosses e bronchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. *Pedro Franco & C., Lisboa.*

Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Producto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais efficaz por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debéis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149 — LISBOA

Cada pacote de 250 grammas, 200 réis

Cada luta " " " " 240 "

A' venda em todas as pharmacias